



Caso aconteceu na noite de ontem. Após cometer o crime, ele fugiu em um carro vermelho. No entanto, foi preso por policiais militares em uma parada de ônibus do Recanto das Emas, com um revólver e oito balas intactas

Homem é preso após tentar matar ex-companheira

» PABLO GIOVANNI

Mais um ato de covardia contra uma mulher no Distrito Federal, praticado pelo ex-companheiro da vítima. Cleuson Sousa de Moura Silva, de 43 anos, invadiu o Hospital São Francisco, na noite de ontem, e disparou cinco vezes contra Cleonice Maria de Lima, 46, recepcionista do hospital. O estado de saúde dela é estável.

O caso ocorreu por volta de 21h. O **Correio** apurou que, dos cinco tiros, dois acertaram a vítima — na região do tórax e no braço direito. Cleuson entrou encapuzado no hospital e, após cometer a tentativa de feminicídio, fugiu em um carro vermelho. As equipes da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) e da Delegacia Especial de



Atendimento à Mulher II (Deam II), de Ceilândia, saíram em busca do suspeito, que foi preso em uma parada de ônibus do Recanto das Emas.

O homem foi conduzido inicialmente para a 27ª Delegacia de Polícia (Recanto das Emas). Depois, foi encaminhado à Deam II, em Ceilândia. Com ele, a polícia encontrou um revólver com oito balas intactas. Cleuson é morador

de Águas Lindas de Goiás. O relacionamento com Cleonice havia terminado em abril deste ano. Ela tem uma medida protetiva em vigor contra o ex-companheiro.

Nota

Em nota, o hospital informou que está prestando toda a assistência necessária à funcionária. A unidade explicou, ainda, que as equipes clínicas e assistenciais estão atuando para prestar todo o suporte necessário. “O Hospital São Francisco conta com equipe de vigilância periodicamente treinada, possui câmeras de vigilância e está colaborando com as autoridades. A instituição lamenta profundamente e presta solidariedade e apoio à família”, afirmaram.

Hospital São Francisco/Divulgação



Quem são as vítimas de feminicídio, em 2023, no DF

- **Gabriela Bispo de Jesus**, 33 anos — morta a facadas pelo ex-companheiro Reriton Gomes, 38, em Samambaia Sul. Ele fugiu levando o filho do casal. Posteriormente, deixou a criança com o advogado e se entregou à polícia.
- **Fernanda Letícia da Silva**, 27 anos — Morta em 1º de janeiro, em Ceilândia. Ela levou golpes de faca e foi estrangulada pelo companheiro, Maxwel Lucas Rômulo Pereira de Oliveira, 32. Após o crime, o assassino confessou o feminicídio e fugiu, mas se entregou à polícia dias depois e continua preso.
- **Mirian Nunes**, 26 anos — Foi asfixiada pelo marido, André Muniz, 51, em 2 de janeiro, também em Ceilândia. No momento do crime, a mulher estava com o filho, de um mês, no colo, fruto do relacionamento com o agressor. André segue na prisão.
- **Jeane Sena Santos**, 42 anos — Em 17 de janeiro, na Quadra 14 do Setor de Mansões do Park Way, João Inácio dos Santos, 54, matou a ex-mulher com um tiro e, em seguida, tirou a própria vida.
- **Giovana Camilly Carvalho**, 20 anos — A jovem foi assassinada

em 18 de janeiro pelo namorado, Wellington Rodrigues Ferreira, 38, na QNN 20 de Ceilândia. O relacionamento conturbado entre a jovem e o agressor era nítido para familiares e amigos.

- **Izabel Guimarães**, 36 anos — A vendedora foi morta pelo ex-marido, Paulo Roberto Moreira, 38, em 4 de fevereiro, em Ceilândia. Ele invadiu a casa de Izabel e atirou contra o rosto dela. O crime foi cometido na frente da filha do casal, de 10 anos. Paulo Roberto segue preso
- **Simone Sampaio**, 40 anos — Na manhã de 13 de fevereiro, ela esta-

va junto ao ex-marido, João Alves Catarina Neto, deixando uma das filhas do casal na escola e, na volta, discutiram. Nesse momento, o agressor desferiu várias facadas na vítima no meio da rua, no Gama. Ele continua preso.

- **Letícia Barbosa Mariano**, 25 anos — Em 2 de março, Letícia foi espancada até a morte pelo namorado, Guilherme Nascimento, 29, no banheiro do apartamento do agressor, em Taguatinga Norte. Eles estavam juntos há cerca de sete meses e viviam uma relação conturbada e agressiva. O autor foi preso horas

depois e segue encarcerado.

- **Rayane Ferreira**, 18 anos — No mesmo dia, a jovem foi estrangulada pelo companheiro, Jobervan Junior Lopes, 21, no Riacho Fundo. Em seguida, ele fugiu com o filho do casal, de apenas um ano, que foi encontrado pela polícia na casa do avô paterno, horas após o crime. O autor foi preso em flagrante e continua na cadeia.
- **Cristina de Sousa Santos**, 32 anos — O nono caso aconteceu em 12 de abril, em Planaltina. Cristina morreu após ser baleada pelo ex-companheiro Murillo Samuel Muniz de Jesus, 26, con-

tra o qual tinha medida protetiva. Ele foi flagrado cometendo o crime e levou um tiro da Polícia Militar. Murillo está internado sob a custódia da polícia.

- **Maria Ivonilde Abreu**, 47 anos — Ela foi morta a facadas pelo ex-marido, Ivonildo Joaquim dos Santos, 47, em uma parada de ônibus próximo a Feira dos Goianos em Taguatinga Norte, em 22 de abril. Após esfaqueá-la, ele tentou fugir do local, mas foi contido por populares. A vítima tinha uma medida protetiva contra o autor. Ivonildo continua preso.

MEIO AMBIENTE

Amapá: preservação e baixo desenvolvimento

» TAINÁ ANDRADE

O impasse entre o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e a Petrobras em relação à concessão de licença ambiental para iniciar a perfuração marítima do bloco FZA-M-59, na foz do Rio Amazonas — na chamada Margem Equatorial —, revelou um problema de desenvolvimento econômico em uma das regiões que mais preserva a Floresta Amazônica. Diferentemente do que os políticos têm alegado sobre a questão, o Amapá, no qual está a bacia petrolífera, ocupa a 12ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com a marca de 0,780, a unidade federativa segue em uma tendência de avanço no critério desenvolvimento. O estudo *Fundação Getúlio Vargas Social* mostra que, frente a outras capitais brasileiras, Macapá tem pouco mais de 40% da população em situação de pobreza.

O estado detém 73% do território de área protegida — dentro da sua área total, de 10,4 milhões de hectares —, dividida entre 9,3 milhões de ha para unidades de conservação (UCs) e 1,1 milhão de ha para terras indígenas (TIs), de acordo com a Secretaria de Estado de Meio Ambiente (Sema). Os políticos amapaenses enfatizam que a população não pode ser penalizada por ter cuidado com as riquezas naturais do país. Porém, dentro dos

Divulgação/ICMBio



A Floresta Amazônica no Amapá é uma das mais bem preservadas da Região Norte, mas o estado carece de investimentos

territórios preservados, há uma população, os chamados Guardiões da Floresta, com necessidades diferentes da população urbana.

O Oiapoque, por exemplo, é um dos municípios com essa dicotomia. Ao mesmo tempo que seria afetado positivamente pelos royalties do petróleo, que, segundo o senador Lucas Barreto (PSD-AP), resolveria problemas como a falta de saneamento básico e o asfaltamento da BR-156, “50% da cidade, por definição do IBGE, vive em condições subnormais”. A parte da população da floresta, os indígenas, sofrem as consequências

negativas dessa situação.

Renata Lod Moraes, vice-coordenadora do Conselho de Caciques dos povos indígenas do Oiapoque, afirma que eles já sofrem com o aumento do fluxo de pessoas decorrente do aumento de tráfego da rodovia federal, a principal do estado. A BR-156 corta terras indígenas, principalmente a da comunidade Uaçá. A líder alega que os indígenas sofrem com o avanço da produção agrícola e cita que, para combater pragas, os produtores usam cada vez mais aviões para aplicar agrotóxicos. Além da poluição, o barulho das aeronaves interfere diretamente nas atividades

de sobrevivência dos indígenas. Como dependem unicamente da caça e da pesca para a subsistência, eles têm percebido o sumiço dos animais que, tradicionalmente, costumavam encontrar na floresta.

“A Petrobras se colocou à disposição para traçar novas rotas de voo. Porém, entendemos que não seja algo tão fácil, porque as comunidades estão realmente na rota dos aviões”, contou Lod.

Caminhos

A questão econômica contraposta à necessidade de preservação do meio ambiente escancara

lacunas do projeto de desenvolvimento sustentável do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que, até o momento, não se reverteu em ações práticas para os guardiões da floresta — sejam eles indígenas ou ribeirinhos.

Beto Mesquita, engenheiro ambiental, membro da Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura e diretor de Florestas e Políticas Públicas da BVRio ressalta que o pagamento por serviços ambientais, que é o conjunto de ações humanas impeditivas para o desmatamento ou contribuições para a manutenção dos ciclos naturais da floresta é uma medida mais correta para incrementar a economia local.

Ainda que os resultados se deem a médio e longo prazos, o ambientalista pondera que, em municípios pobres, os programas de distribuição de renda funcionam como uma injeção de recursos que dinamiza a economia local. Essa evolução, segundo ele, é igual a qualquer outra atividade econômica que seja desenvolvida na região, inclusive a petrolífera.

“Nas atividades de gás e petróleo, os números estão superinflacionando. Os potenciais impactos socioeconômicos do setor normalmente são relacionados às construções de estruturas. Depois que acabam, os empreendimentos empregam gente de outras regiões do país, e não locais. Precisamos de atividades perenes e permanentes, mantendo a floresta em pé”, alertou.

Registros da história Brasil-Portugal

Reprodução/SIC Notícias



O embaixador do Brasil em Portugal, Raimundo Carreiro Silva (à esquerda na foto), presenteia, na 93ª edição da Feira do Livro de Lisboa, o presidente português, Marcelo Rebelo de Souza, com a coleção As Fallas do Throno — Senado e Câmara na construção do Império do Brasil, recém-lançada pelo Senado por ocasião da sessão dos 200 anos de instalação da Assembleia Geral, Constituinte e Legislativa do Império, em 1823. A publicação traz discursos solenes em que o imperador D. Pedro I apresentava aos senadores e deputados os principais fatos, projetos e expectativas para o país independente. O regime monárquico no Brasil durou 66 anos.